

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIA DA LINGUAGEM
GRADUAÇÃO EM LETRAS: HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE

JOANA D'ARC GOMES DOS SANTOS

VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DOS MORADORES DA ILHA DAS ONÇAS

Barcarena-Pará
2014

JOANA D'ARC GOMES DOS SANTOS

VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DOS MORADORES DA ILHA DAS ONÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Joana D'arc Gomes dos.
Variação lexical na fala dos moradores da ilha das onças / Joana
D'arc Gomes dos Santos. — 2014.
36 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Edson de Freitas Gomes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Cultura. 2. Diversidade linguística. 3. Sociedade. 4.
Variação lexical. 5. Ilhas das onças. I. Título.

CDD 410

JOANA D'ARC GOMES DOS SANTOS

VARIAÇÃO LEXICAL NA FALA DOS MORADORES DA ILHA DAS ONÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras: Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes

Data: 26 / 04 /2014

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Edson de Freitas Gomes – Presidente
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof^ª. Esp. Rosenildo da Costa Pereira- Suplente
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr.Carlos Henrique Lopes de Almeida – Suplente
Universidade Federal do Pará – UFPA

À meu esposo, **Clodoaldo Araújo**,
com muito carinho.

Aos meus filhos, **Alinne Lorrany** e **Alyson Breno**,
minha fonte de inspiração.

À minha mãe, **Ivanilde Baia Gomes**,
meu exemplo de vida.

À memória de meu pai, **José Juvêncio Gomes**,
pelos seus ensinamentos e por sua sabedoria.

Joana D'arc Gomes dos Santos

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho quero expressar minha gratidão e agradecimentos:

Primeiramente a Deus, pelo fôlego de vida, pela compaixão divina, por conceder-me sabedoria;

Aos meus familiares, em especial à minha querida mãe Ivanilde Baia Gomes pelos cuidados e pelas orações feitas durante toda minha vida;

À memória de meu pai José Juvêncio Gomes, jamais esquecido pela dignidade de ser um homem íntegro, verdadeiro e que me deu boa educação e ensinou-me vários passos, dentre eles o que conduz com firmeza para a trajetória de vida com sucesso;

À meu esposo Clodoaldo de Nazaré Araújo dos Santos, que cuidou de tudo, principalmente dos nossos filhos, quando eu estava ausente;

À minha filha Alinne Lorrany Gomes dos Santos que está prestes a se formar e futuramente será a doutora Alinne, o orgulho da família;

À meu filho, Alyson Breno Gomes dos Santos, já no ensino médio, a razão para continuar a caminhada, sempre dando força e ouvindo meus desabafos;

As minhas irmãs, que são exemplos para mim, dando-me coragem e contribuindo para o meu sucesso;

Aos meus sogros Domingos dos Santos e Zuleide dos Santos, que ajudaram-me de alguma forma;

Aos mestres da Universidade Federal do Pará pela compreensão e contribuições;

Ao formador-orientador Edson de Freitas Gomes pelo seu trabalho, empenho, dedicação e direcionamento deste trabalho;

À Coordenadora do PARFOR – Barcarena, Pedagoga Isabel Menezes, pelo carinho, dedicação e atenção a todos do curso.

Meu especial agradecimento às pessoas entrevistadas, que muito contribuíram para essa pesquisa, sobretudo na coleta de dados, o que deu suporte à realização deste trabalho, e às colegas da turma que tanto contribuíram comigo.

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao estudo da variação lexical na fala dos moradores da Ilha das Onças, cuja base de colonização sofreu influências de vários povos que passaram pela ilha, a qual é composta pelos Rios: Araraquara, Piramanha, Furo do Nazário, Furo Grande, Furo Laranjeira, Furo Conceição, Madre de Deus, São João, Landi, Fé em Deus, Ponta de Cima e Carnapijó. Para esse estudo foi necessário realizar duas pesquisas, uma bibliográfica que se baseia nas teorias de Bagno, Capovilla, Castilho, Monteiro, Preti, Reis, Signorini, dentre outros, além de uma pesquisa de campo, através de entrevistas com questionário e observação da fala de oito informantes, divididos em duas faixas etárias, sendo; quatro até 30 anos; e quatro com mais 31 anos; quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com escolaridade igual ou inferior ao 5º ano do ensino fundamental. As características encontradas, de forma geral, diferenciam a variante local de outras variantes do português padrão. Portanto, esperamos que, com este estudo seja possível conhecer mais a variante dos moradores da Ilha das Onças e, assim, contribuir para a valorização e divulgação da história desse universo cultural.

Palavras-chave: Cultura. Diversidade linguística. Sociedade. Variação lexical. Ilha das Onças

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A DIVERSIDADE NA LÍNGUA	10
3 METODOLOGIA	15
3.1 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BARCARENA.....	15
3.2 CARACTERÍSTICA SOCIOCULTURAL DA ILHA DAS ONÇAS	16
3.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES E PESQUISA DE CAMPO	17
4 APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DA PESQUISA	21
5 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	28

1 INTRODUÇÃO

Atualmente há muitas discussões a respeito da variação na fala. Nesse sentido, pretendemos neste trabalho, fazer um levantamento sobre a variação lexical na fala dos moradores da Ilha das Onças, uma vez que a variação lexical da população de determinado lugar apresenta uma relação ligada à cultura. Dessa forma, podemos pensar que a fala da população da Ilha das Onças sofre bastante influência devido à acentuada circulação de pessoas que passam pela Ilha, em uma permanente troca linguística, o que vem enriquecer e fortalecer a cultura, o modo de viver e o relacionamento entre os mesmos.

Fazer o levantamento de dados é um constante desafio, pois os moradores têm um vasto léxico que defini o uso da língua, favorecendo o convívio e enriquecendo o processo comunicativo. Sabemos que a linguagem de um povo é sujeita a mudanças devido ao próprio processo da evolução da língua e a linguagem é um fenômeno responsável pelas transformações sociais e culturais geradas por meio da fala.

As inúmeras modificações na fala dos moradores da Ilha das Onças dá possibilidade de uma melhor compreensão e utilização da linguagem em geral. Essas modificações são reflexos incontestáveis apresentadas na forma de expressão do falante que na linguagem se traduz. A variação lexical na fala dos moradores da Ilha das Onças é uma temática que precisa de levantamento por meio de pesquisa.

O modo de se comunicar uns com os outros é surpreendente e rica com um leve teor cultural, que viabiliza melhor comunicação, num processo interativo que proporciona ao indivíduo um conhecimento mais amplo que reconheça, valorize e respeite as diversas formas de comunicação. E o reconhecimento da variação lexical na fala dos moradores da Ilha das Onças nos despertou o interesse de registrar a fala desse lugar, por meio de um estudo que mostre essas diferenças.

Diante disso surgiu a seguinte problemática, qual a importância em conhecer a variação lexical que ocorre na fala dos moradores da Ilha das Onças? Mediante questionamento, queremos demonstrar, as diversas formas de comunicação dessa gente, demonstrando a variação linguística como uma questão social que inclui valores, atitudes e respeito a essas diferenças.

O objetivo deste trabalho é registrar a variação lexical entre as diferentes localidades da Ilha da Onça com base no depoimento de oito moradores pertencente a referida “ILHA”, e para fazer reconhecimento dessa variação, selecionamos oito informantes sendo um de cada

localidade. A Ilha é composta pelas localidades: Araraquara, Piramanha, Furo do Nazário, Furo Grande, Furo Laranjeira, Furo Conceição, Madre Deus, São João, Landi, Fé em Deus, Ponta de cima e Carnapijó.

Nossa hipótese é de que há diversidade na fala dos moradores da Ilha das Onças, devido ao fluxo de pessoas que trafegam nos rios da Ilha, que vêm da Ilha do Marajó e de outros Municípios como Moju, Abaetetuba, Breves e também de Belém que contribui de certa forma para essa variação linguística. Observamos também nesta pesquisa que a Ilha das Onças recebe influência de pessoas que trabalham nas empresas instaladas em Barcarena e é habitada por nativos, provenientes de Índios Aruã, Anambé e os Caboclos Ribeirinhos.

Outro fator importante é que a população da Ilha das Onças tem uma relação muito próxima com Belém, influenciando ainda mais na forma de se expressar, no vestuário, na formação como cidadão. A Ilha tem limite com as Ilhas de Cotijuba, Icoaraci, Sirituba, Arapari e outras ilhas menores. Considera-se que essa localidade é formada pela união de diversas culturas, raças e povos.

O conteúdo desse trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo que:

No capítulo 1, Introdução está à justificativa da pesquisa, o objetivo, a hipótese, que são os elementos que direcionam o trabalho. No capítulo 2, Fundamentação Teórica, relatamos parte da teoria sobre o tema, que fornecem embasamento teórico para a pesquisa. No capítulo 3, Metodologia da Pesquisa, mostramos quais foram os passos seguidos durante a coleta dos dados. No capítulo 4, Apresentação dos Resultados, trabalhamos os dados considerando a variação lexical. No capítulo 5, Conclusão, fizemos um resumo dos resultados alcançados. No Referencial, apresentamos a bibliografia. Nos anexos, estão o questionário aplicado na pesquisa e as fotos do município de Barcarena e Ilha das Onças.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Podemos constatar, através de referências bibliográficas e observações da prática cotidiana, que a variação linguística esteve presente em todo momento da formação e estruturação de nossa língua. Ao lembrarmos do latim, percebemos que desde então, até os dias atuais, ocorreram mudanças inovadoras da língua.

A linguística atual deixa claro que uma língua não é homogênea e precisa ser compreendida pelo que caracteriza o homem, suas peculiaridades e possibilidades de mudanças. Para Cunha (1992), “ao traçarmos a linearidade histórica de nossa ‘língua brasileira’, notamos que essa provém da língua portuguesa, que por sua vez provém do latim, (galego) que se encontra na grande família das línguas indo-europeias”.

Esse argumento nos faz entender que a língua latina representa um papel extraordinário na história e evolução do português brasileiro, mais a influência das línguas indígenas e africanas, entre outras, além da presença de alguns vocábulos das línguas europeias. Desse modo percebemos que a língua sofre influência desde sempre e tudo indica que vai continuar.

E hoje, em nossa comunidade, é observável a diversidade linguística devido aos fatores: social, histórico, geográfico e cultural. Por isso necessitamos aceitar a variação e estudar o que a provoca para entendermos o processo evolutivo linguístico.

Esse contexto lembra-nos que:

É precisamente em torno disso que devemos lutar para criar uma pedagogia da variação e da mudança linguística, uma reeducação sociolinguística, em que a língua seja sempre vista como heterogênea variável e mutante, sujeita às vicissitudes e peripécias da vida em sociedade. (BAGNO, 2007, p. 116)

O exposto acima nos faz refletir a respeito da necessidade e percebemos as dificuldades de coexistência dos múltiplos fatores, assumindo-se que o preconceito linguístico é real e que se manifesta toda vez que identificamos as diferenças linguísticas por diferentes grupos. E ainda nos deparamos com priorização do ensino da norma culta e o respeito à variação.

Bagno (2008), afirma que: “a linguagem ao contrário das normas padrão, é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo”, que as adversidades linguísticas que se observa nos falantes, consistem sobre os elementos sociais que envolvem a língua, demonstrando as diversas formas de comunicação de um povo, e não simplesmente um modo de falar, mais também um modo de viver e de demonstrar sua cultura.

Vale ressaltar que o Brasil é um país muito grande e sua colonização ocorreu na sua maioria por portugueses, mas a presença do índio, dos africanos e dos europeus e de outros países também foi importante para a variação da linguagem no Brasil. A língua oficial no Brasil é o português, mas cada estado, região, comunidades rurais e urbanas em particular tem forma linguísticas diferentes, sendo um fator inegável as diferenças que existem dentro de uma mesma área geográfica, resultante das diferenças sociológicas, tais como educação do indivíduo, sua profissão, grupo com os quais convive enfim, sua identidade.

2.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA E A DIVERSIDADE NA LÍNGUA

A sociolinguística mescla o estudo da Sociologia e da Linguística. Devemos reconhecer a importância da Sociolinguística visto que entre a língua e a sociedade há uma relação muito próxima, pois desde que o indivíduo nasce, produz uma infinidade de signos linguísticos que chega até as pessoas ou lugares, através da comunicação, o sujeito propaga seus enunciados linguísticos, tornar-se verdadeiro emissor, quando associada, começa a formular mensagem que de acordo com o meio em que ele vive a linguagem é aperfeiçoada, transformada e transmitida. Para a sociedade, a transmissão da cultura por meio social da linguagem é de grande importância, pois ela é transmitida de uma geração a outra dependendo do local de origem.

Desde o início da civilização, a humanidade usava como dinâmica social, o estímulo à comunicação, fazer-se entender a língua tornando-a um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade que a integra. A língua como primeiro elemento de comunicação é indispensável na formação da sociedade, tendo como variações etnológicas o resultado oriundo da cultura de diferentes povos.

Sabemos que as diferenças na linguagem cultural, não se limitam ao visível humano. Porém dentro de um mesmo grupo social elas são apresentadas de modo gritante e até preconceituosa, sendo a língua um instrumento, cuja estrutura e o léxico como elementos que representam a variação social. É importante salientarmos que a fala de um indivíduo, de um lado apresenta a variação por escolhas e de outro a força repressiva de normas comuns, considerando assim a diversidade extralinguística, envolvendo questões geográficas, históricas, social, econômicas, políticas, sociológicas e estéticas, visando à comunicação e à integração entre os falantes. Para Preti (1982), o que se procura na fala de um indivíduo são os índices de sua classificação social. Ainda, de acordo com Preti:

As variações extralinguísticas acontecem no diálogo contextual, geográfico e sociológico. Os diálogos contextuais constam de tudo que podemos encontrar de diferente na linguagem, influenciado por outro indivíduo. O diálogo geográfico envolve as variações e é necessário separá-las para que as diferenças não sejam confundidas por influência sociológica, numa mesma comunidade.

A sociolinguística trata da variação linguística, levando em consideração idade, sexo, profissão, escolaridade, classe social etc., fatores que determinam a linguagem do indivíduo. Preti salienta que o ser humano não apenas sabe falar, mas sabe como o outro fala.

É sabido que as línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham, o espaço geográfico, social e temática em que se movem. O conjunto dessas circunstâncias interage sobre os fatores da comunicação. (CASTILHO, 1977, p. 13-20).

Neste contexto existe a fala dos moradores da Ilha das Onças que mantem a forma de falar naturalmente e como é apresentada geograficamente no meio rural. A língua de um povo constitui-se como uns dos seus bens preciosos, pois é através da língua que se constitui caminhos que transformam a sociedade. É pela língua, que acontecem as transformações culturais, as relações de poder, a dominação, os consensos, as discórdias e as transmissões. Assim, é por meio da língua que se constrói um lugar na sociedade.

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humana de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo ou quer que seja do indivíduo; é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade a expressa como se fosse a sua boca (SIGNORINI, 2002, p. 76-77).

Desse modo, é importante salientarmos que ter um discurso condizente com a realidade social de cada pessoa, é fundamental, considerando a modalidade linguística que o indivíduo traz de sua própria cultura, é essencial, pois o respeito deve acontecer desde o ambiente familiar, assim como em outros meios sociais.

Pretendemos mostrar os elementos relacionados a diversidade linguística do falante como: cultura, posição social, grau de escolaridade e o local onde mora, pois, entendemos que a variação linguística, pode ser considerada como variante na linguagem popular, tendo como finalidade servir como meio de comunicação, para revelar o homem como ser social, sua cultura, como a integração. A cultura é revelada pela unidade lexical, influenciado pela linguagem humana, dando ênfase à comunicação. A comunidade linguística da Ilha das Onças apresenta diversas formas linguísticas, que tem como condição básica a fala como expressão dessa condição e de sua cultura.

Para entendermos melhor a relação da Sociolinguística aplicada e a aquisição da Língua Portuguesa se fez necessário explorarmos alguns conceitos básicos sobre linguagem e a língua e a diferença entre elas. Nesse momento, buscaremos subsídios teóricos que possam

evidenciar essa diferença. Segundo Lyons (1987), “Linguagem é um sistema de comunicação natural ou artificial, humano ou não”.

Assim podemos nos referir a qualquer meio de comunicação: a linguagem corporal, as expressões faciais, a maneira de nos vestirmos, os sinais de trânsito, a música, a pintura, a linguagem dos outros. Língua é um tipo de linguagem e define-se como um sistema abstrato de regras gramaticais. Isto quer dizer que o conceito de língua está ligado a um conjunto de regras gramaticais que identificam sua estrutura nos diversos planos (dos sons, da estrutura, da formação e das classes de palavras, das estruturas frasais, da semântica, da contextualização e do uso).

De acordo com Capovilla, “a Língua define um povo”, a “linguagem, o indivíduo”. Assim, do mesmo modo como o povo brasileiro é definido por uma língua ou idioma em comum, o português que o distingue dois povos de todos os países com os quais o Brasil faz fronteira. “Em Psicologia e Educação, quando falamos em desenvolvimento da linguagem quer oral ou escrita e em distúrbios de linguagem (afasias, alexias, agrafias), estamos nos referindo ao nível do indivíduo”. (CAPOVILLA, 2001).

O aluno, assim como qualquer pessoa, compartilha de uma série de experiências linguísticas, mais ou menos significativas, a depender das interações verbais a que se submeteu na família e da opção metodológica, desenvolvida no contexto de educação a que teve acesso.

Ao contrário da norma padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. (...). A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes.”. (BAGNO, 2008, p. 36).

A escola geralmente não conhece a verdadeira diversidade do português e considera o impedimento biológico como aquisição da língua portuguesa de forma natural, e que o não reconhecimento da diversidade do português falado no Brasil é observado na escola, pois a linguagem apresenta um alto grau de diversidade e variabilidade na língua falada, sendo a linguagem a principal responsável pelo fracasso escolar.

Falando no Brasil, impondo assim, sua linguística como se ela fosse, de fato, a Língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica e do grau de Escolaridade. (BAGNO, 1999, p. 15)

Desse modo, percebemos que a variação é natural e não linguístico e depende da contextualização cultural, socioeconômica do qual o aluno vive para definir seu desempenho

escolar e na sociedade. No entanto a diversidade linguística que se observa nos falantes do português, consiste sobre os elementos sociais que envolvem a língua, a sexualidade, a escolaridade, a renda familiar e a moradia. Esses elementos extralinguísticos influenciam na forma de falar do indivíduo de região para região ou de uma localidade para a outra, é algo extremamente visível, porém incontestável, pois tudo é uma questão social.

Sabemos que no Brasil a língua oficial é o português, no entanto, este português em cada parte do Brasil, possui uma variação e característica mística, pelo fato de o país ser formado pela mistura de muitas etnias. Bagno (2003, p. 16) afirma que:

A verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não por causa da grande extensão territorial que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo.

Dessa forma, considera-se que, os estudos sobre a sociolinguística são os instrumentos que descrevem uma sociedade linguística, sua história e os feitos constantes sobre a diversidade e variações na linguagem rural, que mantem a forma de falar naturalmente e como é apresentada geograficamente, no meio social.

Porém, com as contribuições que a sociolinguística trouxe para os estudos dialetais, deve ser dada uma maior importância ao estudo da língua falada no espaço rural. A língua de um povo constitui-se como um dos seus bens preciosíssimos, é através da língua que se constitui caminhos, que transformam a sociedade, bem como suas particularidades e infinidade que as falas influem, que as interações ocorrem. É pela língua, que acontecem, as transformações culturais, as relações de poder, a dominação, os consensos, as discórdias e as transmissões. Assim sendo é por meio da língua que se constrói um lugar na sociedade, como também através da língua se exclui.

Portanto, percebemos que o condicionamento da linguagem está em concordância com realidade social que está enraizada de forma muito profunda na mente da comunidade linguística e os dados coletados que possibilitam a análise que confirma a variação linguística, buscando compreender as mudanças e as valorizações linguísticas de um grupo social. De acordo com Bagno (2011):

tantas pessoas terminam seus estudos, depois de onze anos de ensino fundamental e médio, sentindo-se incompetentes para redigir o que quer que seja. E não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes, as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos de seu idioma.

O exposto acima nos remete uma mensagem sobre a educação no Brasil sobre a qualidade do ensino, no qual percebemos as dificuldades existentes nesse processo de ensino assumindo, dentro da linguagem quando tenta mostrar a diferença linguística por um determinado grupo.

Para compreender o que é a variação lexical e a sua representação para uma comunidade linguística, podemos tomar como base a definição de que, podemos dizer que o Léxico ocorre através das mudanças sociais e culturais provocando transformações nos usos vocabulares do falante, embora o Léxico seja exclusivo da comunidade linguística de uma determinada localidade, na prática, são os próprios usuários da língua que influênciam os falantes a criarem ou conservarem seu próprio vocabulário, e sua própria língua e ao atribuírem conotações particulares os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, mudando suas áreas de significação, pois o indivíduo e sociedade o originam.

Neste contexto, percebemos que a linguagem de um povo é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e adaptáveis a mudanças no comportamento humano. A linguagem é um fenômeno responsável pelas transformações sociais, intelectuais geradas pela expressão cultural na fala de um povo, e no comportamento do ser humano, assim como na compreensão dos enunciados que determinam o ato da fala que se baseia em um complexo processo de evolução de comunicação, que envolve o uso de vários tipos de linguagem e informações.

A forma de se comunicar uns com os outros é surpreendente, que viabiliza melhor a compreensão da comunicação, num processo interativo que proporcione, ao sujeito um conhecimento mais amplo que reconheça, valorize e respeite as diversas formas de comunicação. A diferença na forma da linguagem é um processo cultural que se dá de forma interativa ao indivíduo que mora numa mesma localidade. Essa forma de comunicação é um processo de integração formal que acontece em uma perspectiva cultural diferente, o qual proporcione ao sujeito uma interação mais ampla.

A variação linguística se manifesta no discurso de forma fixa ou variável. A forma variável é mais frequente nas línguas flexivas que aparecem no discurso e recebem o nome de lexia que é uma área do conhecimento humano.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na localidade Ilha das Onças, zona rural do município de Barcarena, onde vivem moradores que desenvolvem várias atividades, dentre elas a pesca artesanal e a agricultura familiar. Selecionamos oito informantes, sendo: quatro com até 30 anos e quatro com mais de 31 anos; quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Todos possuíam até o 5º ano do ensino fundamental. A coleta de dados foi feita com a aplicação de parte do questionário do projeto ALiPA¹, projeto que é coordenado pelo professor Dr. Abdelhak Razky.

Primeiramente, selecionamos as pessoas a serem entrevistadas, seguindo o perfil exigido. Dando continuidade, apresentamos a estrutura do Questionário aplicado nas entrevistas, depois vem o relato da pesquisa de campo e finalmente o tratamento dos dados que constituem o corpo do trabalho.

3.1 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BARCARENA

Barcarena localiza-se no Baixo Tocantins, a uma latitude 01°30'21 "sul e a uma longitude 48°37'33" oeste, estando a uma altitude de 15 metros em relação do nível do mar, e limita-se com os municípios de Acará, Baião, Abaetetuba, Cametá, Igarapé Miri, Limoeiro do Ajuru, Moju, Oeiras do Pará, Mocajuba e Tailândia. Segundo o IBGE (2010), a população de Barcarena está estimada em 99.800 habitantes e possui uma área de 1.310,325 km².

Barcarena é uma cidade do Estado do Pará que recebeu seu nome em origem a Portugal que na época foi colonizada pelos portugueses em homenagem ao nome da cidade de Portugal de igual nome e chegou a pertencer à capital do Estado até o ano de 1938, recebendo a categoria de Município somente no ano de 1943, através do Decreto Lei nº 3565 de 30 de dezembro de 1943, por ato do excelentíssimo Sr. Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, Inventor do Estado.

Antes, Barcarena era chamada "Missão Gibiriés", vale ressaltar que este município foi por muito tempo palco de muitos movimentos sociais, inclusive o movimento da cabanagem. Barcarena é o local onde esteve sepultado Batista Campos, que ali nasceu, e Eduardo Angelim, ícones da revolução cabana. No ano 70, em homenagem ao maior movimento nativista do Brasil.

¹ Atlas Linguístico do Pará.

No Município de Barcarena, foi projetada e construída uma vila (Vila dos Cabanos) com infraestrutura adequada para atender aos que vinham trabalhar no projeto ALBRAS-ALUNORTE, com isso, logradouros públicos e vias da localidade receberam datas e nomes de vultos e de fatos da cabanagem. Benedito Monteiro (2001, p. 226), escreveu que “no Estado do Pará foram implantados vários projetos federais agropecuários e agrominerais, dentre os quais o mais importante foi o projeto de bauxita, a fábrica de alumínio ALBRAS/ALUNORTE em Barcarena, sendo esse um dos mais importantes do Estado do Pará”.

No município de Barcarena está localizada a Ilha das Onças, a qual foi um marco importante na época da cabanagem que por volta de 1835 foi ocupada por Cabanos e serviu de esconderijo para os revolucionários da cabanagem, assim como serviu de moradia para muitos deles.

Na época da cabanagem foi construído na Ilha, um imóvel de dois andares, todo em madeira de lei, a casa era de propriedade de João Pedro e ficava aos cuidados de escravos alforriados que cuidavam de tudo para seu senhor. Dentre mulheres havia uma bela escrava chamada Sebastiana, que se apaixonou por Benedito Onça, que era capataz do engenho e da fazenda de cacau, que o Padre João Pedro que era seu patrão mantinha no sítio Nazaré da Boa Vista e ele era filho do mais antigo morador “ONÇA” que habitava na ilha. Por muito tempo ficaram morando na fazenda de seus senhores e depois casaram e tiveram filhas dando origem ao nome ILHA DAS ONÇAS.

3.2 CARACTERÍSTICA SOCIO CULTURAL DA ILHA DAS ONÇAS

Ilha das Onças é uma localidade pertencente ao município de Barcarena, que se localiza há 20 km de Belém do Pará. A Ilha ocupa uma área de 75 mil/h com uma população de 10 mil pessoas e reuni uma comunidade de aproximadamente 1.200 famílias, sendo distribuídos em várias localidades, como: Rio Araraquara, Rio Pira manha, Furo Nazário, Furo Conceição, Furo Laranjeiras, Ponta de Cima, São João, Carnapijó, Landi, Madre Deus, Furo Grande e Fé em Deus, sendo que somente 800 famílias estão cadastradas no Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA). Os moradores da Ilha das Onças na maioria vivem da extração do açaí, da pesca artesanal e algumas pessoas são funcionários da Prefeitura de Barcarena.

Na localidade não há energia elétrica pública, sendo utilizado como solução para o problema motores-geradores para os poucos que têm recurso para mantê-los. É a energia desses geradores que proporciona aos moradores da ilha o uso do meio de comunicação. Na

Ilha não há água tratada, forçando os moradores a buscar em outra localidade. Esse complexo fica às margens da Baía do Carnapijó e Baía do Guajará há cerca de 20 minutos de barco até Belém, sendo possível observar da Ilha a beleza da orla de Belém o Ver-O-Peso.

Os primeiros habitantes foram os Índios Aruans, que no período da colônia foram catequizados pelos padres Jesuítas como Missão Gibiríé, de propriedades dos Padres Jesuítas, antes de converter para Ilha das Onças.

Vale ressaltar que a Ilha das Onças localiza-se no Nordeste do Pará, com solo fértil, terra de várzea, possui uma variada vegetação, é rica em sais minerais com uma grande produção de coco, cacau, manga e outras frutas como o açaí, fruto-símbolo que garante em média 90% do sustento da maioria da população da Ilha das Onças. Esse cenário reflete a exuberância da vegetação típica da Região Amazônica, assim como o cotidiano de um povo que ocupa as margens dos rios da Ilha das Onças. Preservar a mata da Ilha é uma necessidade natural, por causa do plantio do açaí, o que proporciona o sustento das famílias que moram na região próxima a Belém.

Ilha das Onças é o maior centro produtor e abastecedor de açaí, chega a meio milhão de toneladas, sendo a principal fonte de renda dos ribeirinhos. Os rios dessa região possuem águas barrentas e correntes, porém, navegável com fluxos de barcos de todos os tipos e tamanhos. Os seus rios são riquíssimos, possuem diversos tipos de peixes, algas e mariscos.

Para os moradores da Ilha das Onças, a safra do açaí é tida para eles como na época da borracha, de fartura e muito dinheiro (dados de um informante), isso significa a grande importância que tem na venda do açaí na vida dos habitantes dessa localidade. A coleta do açaí é uma atividade realizada por um grupo sociocultural. Os agricultores que trabalham exclusivamente com o açaí estão ligados a duas entidades, a saber: a associação dos moradores, e a colônia de pescadores por também usufruir dessa prática.

Os agricultores- coletores do açaí realizam a coleta do fruto quase todos os dias da semana, sempre pela manhã, pois dependem do clima, segundo eles, a árvore deverá estar fria. O produto da atividade de coleta, o açaí, é vendido nos bairros e feiras livres de Belém e Barcarena. O açaí normalmente é vendido para os compradores no Ver-o-Peso, fazendo uma relação com apanhador, comprador, batedores e consumidores.

3.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES E PESQUISA DE CAMPO

Para a realização das entrevistas selecionamos oito informantes que se enquadravam no perfil exigido para o trabalho. Coletar as informações para a pesquisa de campo foi tarefa

difícil, isto porque a localidade da Ilha das Onças é de difícil acesso, pois são rios que ficam distante, tendo que viajar durante horas de barco, e algumas vezes dependemos do movimento da água para chegarmos ao local desejado e ainda tivemos que contar com a disponibilidade de cada informante.

Observamos que a Ilha das Onças apresenta uma população com traços negros, indígenas e portugueses. Percebemos que na localidade do Piramanha (uma das localidades da Ilha das Onças) a população em sua maioria é composta por pessoas que vêm de outros municípios ou de outras ilhas como a do Marajó, ou de Belém e são moradores da Ilha há alguns anos.

Para a seleção dos informantes, levamos em consideração alguns critérios, tais como:

- Todos os informantes deviam possuir escolaridade igual ou inferior ao 5º ano do ensino fundamental.
- Quatro informantes do sexo masculino e quatro informantes do sexo feminino, sendo dois com até trinta anos e dois com mais de trinta e um anos.
- Os informantes deviam residir e ser naturais da localidade da pesquisa ou ter vindo morar no máximo com até cinco anos de idade.

Para as entrevistas, aplicamos aos informantes parte do questionário do projeto ALiPA. Das 256 perguntas do questionário, selecionamos as 30 que julgávamos mais produtivas. E das 30 perguntas do questionário que aplicamos, selecionamos as 10 mais produtivas para trabalharmos. As perguntas selecionadas foram as de número: 002, 023, 033, 034, 123, 160, 176, 194, 195, 200.

Os resultados desta pesquisa estão apresentados ao longo de cinco capítulos deste trabalho e são mostrados por meio de comentários escritos.

Na pesquisa foram utilizados vários recursos como: celular, máquina digital, papel, caneta, gravador, dentre outros.

Tabela 1: Relação dos informantes.

INFORMANTES	SEXO	INICIAIS	IDADE	DATA DA ENTREVISTA
INF. 01	M	D. L. S.	68	02/12/2013
INF. 02	F	L. F. N.	53	05/12/2013
INF. 03	F	Z. A. S.	60	09/12/2013
INF. 04	M	J. C. R.	55	13/12/2013
INF. 05	M	C. N. A. S.	23	15/12/2013
INF. 06	F	C. A. S.	28	16/12/2013
INF. 07	M	M. S. A.	18	19/12/2013
INF. 08	F	M. D. L.	20	27/12/2013

Fonte: Santos (2014)

Primeiramente, selecionamos um informante por localidade, num total de oito pessoas pensando em colher as respostas com mais exatidão. Para fazer a pesquisa precisamos nos locomover de barco e esse foi um dos maiores desafios, por serem embarcações de pequeno porte, e os locais de pesquisa muito distantes e de difícil acesso. Ao chegarmos aos lugares destinados com dia e hora marcada, depois de uma conversa informal com os moradores, fizemos a entrevista aplicando o questionário com trinta perguntas determinadas, sendo que todos os informantes responderam as mesmas perguntas.

Informante 1: No dia 02/12/2013, foi entrevistado o senhor (D L. S), ele tem 68 anos de idade, é do Município de Portel-Marajó e mora na localidade do Piramanha há 45 anos. Sua profissão é agricultor e sua escolaridade é o 2º ano do Ensino Fundamental. Em seguida, após a gravação, ele ficou à vontade com nossa visita. A entrevista durou aproximadamente 60 minutos.

Informante 2: No dia 05/12/2013, foi entrevistado outro morador, dessa vez do sexo feminino que mora na localidade Madre de Deus, moradora nativa desde 1960. Dona (L. F.) é analfabeta, agricultora. Por não dominar a leitura ou talvez por timidez a moradora sentiu muita dificuldade para responder ao questionário, mas com bastante conversa o objetivo foi alcançado. A entrevista durou 2h24minutos.

Informante 3: No dia 09/12/2013, foi entrevistada a senhora (Z. A. S), ela, moradora da localidade Fé em Deus, ela tem 60 anos, é analfabeta, porém muito criativa, gosta de bordar e costurar nas horas vagas, é uma pessoa muito alegre. Depois de uma longa conversa fizemos a entrevista, alcançando o resultado esperado, a entrevista durou 1h0 minutos.

Informante 4: No dia 13/12/2013, foi entrevistado outro morador, seu (J. C. A.), também agricultor. ele, além de trabalhar com a coleta do açaí, é pescador, tem 55 anos, é analfabeto, gosta de passear. Ele respondeu todas as questões com muito entusiasmo. Ele mora na localidade do Araraquara-Ilha das Onças desde o dia em que nasceu. Esta entrevista teve duração de 1h.

Informante 5; No dia 15/12/2013, foi percorrido mais um rio, num tempo de 2 horas. Na localidade Furo Laranjeira, visitamos o senhor (C. N.) que exerce várias atividades, é nato da localidade, estudante do 5º ano e comercializa produtos de pesca. Ele tem 23 anos e mora nesta localidade desde quando nasceu. O jovem É muito tímido, porém muito acolhedor. A entrevista teve a duração de 1h25min.

Informante 6: No dia 16/12/2013 a viagem pelos rios da Ilha continuou, depois de 1h25 minutos chegamos à casa da dona (M. S. R.), mora na localidade de São João, a mesma foi muito acolhedora. Ela é analfabeta, dona de casa, uma excelente cozinheira, toda agitada,

respondeu tudo muito rápido, em apenas 47 minutos, porém muito proveitoso e com certeza contribuiu para finalizar a pesquisa.

Informante 7: A próxima entrevista aconteceu no dia 19/12/2013, foi na casa da dona (C.A.S), moradora da localidade Furo Nazário, ela nasceu e casou na Ilha das Onças, tem 28 anos, gosta de conversar, é uma pessoa muito alegre, tem o 5º ano do ensino fundamental, se diz muito preocupada com a questão cultural da nossa localidade, pois até o momento o descaso ainda impera e aos poucos estamos perdendo nossos direitos, nossa dignidade de viver. Com tristeza nos olhos, a informante relembra de sua infância e de seus pais. A entrevista aconteceu em 2 horas, sem nenhum problema, pois todas as perguntas foram respondidas.

Informante 8: No dia 27/12/2013, entrevistamos um jovem morador de 18 anos, da localidade Landi, também com o 5º ano do ensino fundamental, o morador, como a maioria dos jovens, é sonhador, pretende continuar os estudos, pois apesar das dificuldades gostaria de trabalhar nas empresas, no momento ajuda a família no que é preciso. Acho o trabalho interessante, disse o morador, segundo ele, nunca houve nesse sentido essa preocupação, sobre o modo de falar das pessoas de nossa localidade. A entrevista durou de 1h20 minutos.

4 APRESENTAÇÃO DO RESULTADO DA PESQUISA

A seguir apresentamos as perguntas que compõem o questionário e apresentamos o resultado dos dados coletados.

002. COMO VOCÊS CHAMAM UM RIO PEQUENO DE UNS DOIS METROS DE LARGURA?

Na pergunta 002 tivemos a seguinte distribuição das respostas dos informantes: 5 entrevistados responderam a lexia “baixa”, o que equivale a 62,5% das respostas; 2 entrevistados responderam “igarapé”, 25% e 1 respondeu “igapó”, 12,5%. Considerando a lexia de maior ocorrência, temos para a variável idade, quatro informantes que são da segunda faixa etária e um que é da primeira. Para a variável sexo, são três homens e duas mulheres. Podemos perceber que a lexia mais recorrente “baixa” predomina nas respostas dos homens e de maior idade, o que nos mostra que esta pode ser uma palavra utilizada predominantemente por pessoas mais velhas da Ilha das Onças.

023. E QUANDO VEM AQUELA CHUVA MUITO FORTE COM VENTOS QUE ÀS VEZES ATÉ DERRUBA ÁRVORE?

Na pergunta 023 tivemos a seguinte distribuição das respostas dos informantes: 5 informantes responderam a lexia “trovoada”, com uma porcentagem de 62,5% das respostas; 1 respondeu “tempestade”, 12,5%; 1 respondeu “furação”, 12,5% e 1 respondeu “temporal”, 12,5%. Considerando a lexia de maior ocorrência, temos para a variável idade, três informantes da primeira faixa etária e dois da segunda. Para a variável, sexo, três são do sexo feminino e dois são do sexo masculino. Pelos dados, percebemos que a lexia mais recorrente “trovoada” é utilizada com mais frequência pelos informantes do sexo feminino e de menor idade.

033. DE MANHÃ CEDO, A GRAMA GERALMENTE ESTÁ MOLHADA. COMO CHAMAM AQUILO QUE MOLHA A GRAMA?

Na pergunta 033 tivemos a seguinte distribuição da resposta dos 08 informantes: 5 responderam a lexia “sereno”, o que equivale a porcentagem de 62,5% e 3 informantes responderam a lexia “molhado”, que equivale a 37,5%. Considerando a lexia mais recorrente,

temos a seguinte distribuição. São quatro informantes da segunda faixa etária e um é da primeira faixa etária, ao passo que na variável sexo, são três informantes mulheres e dois homens. Observamos que predomina nas respostas, informantes mais velhos e do sexo feminino.

034. MUITAS VEZES, PRINCIPALMENTE DE MANHÃ CEDO, QUASE NÃO SE PODE ENXERGAR POR CAUSA DE UMA COISA PARECIDA COM FUMAÇA, QUE COBRE TUDO. COMO CHAMAM ISSO?

Na pergunta 034 tivemos a seguinte distribuição das respostas dos informantes: 3 responderam a lexia “neblina”, o que equivale a 37,5%; 2 responderam a lexia “nublado”; 2 responderam a lexia “nuvem” e 1 respondeu a lexia “nevoeiro”. Considerando a variável idade, temos dois informantes da segunda faixa etária e um da primeira, ao passo que na variável sexo, temos dois informantes do sexo feminino e um do sexo masculino. Nessa lexia observamos que a maioria dos informantes são mulheres e da segunda faixa etária. Nesta questão não tivemos uma significativa lexia mais respondida em relação às demais.

123. AVE DE CRIAÇÃO PARECIDA COM A GALINHA D’ANGOLA, DE PENAS PRETAS COM PINTINHAS BRANCAS?

Na pergunta 123 todos os informantes responderam a lexia “picota”, 100%, o que nos mostra que não houve variação para esta pergunta nas respostas dos informantes.

160. COMO SE CHAMA A PESSOA QUE TEM UM SÓ OLHO?

Na pergunta 160 tivemos a seguinte distribuição das respostas dos informantes: 5 informantes responderam a lexia “cegueta”, o que corresponde a 62,5% das respostas; 2 informantes responderam a lexia “caolho”, 25%; 1 informante respondeu a lexia “zarolho”. Considerando a lexia mais falada, temos para a variável idade, três informantes da primeira faixa etária e dois da segunda faixa etária, ao passo que para a variável sexo, foram três homens e duas mulheres. Observamos que a maioria dos informantes são homens e mais jovens.

176. COMO CHAMA- SE A PESSOA QUE TEM DIFICULDADE DE APRENDER AS COISAS?

Na pergunta 176 tivemos a seguinte distribuição das respostas dos informantes: 3 informantes responderam a lexia “Memória fraca”, equivalente a 37,5%; 1 informante respondeu a lexia “Memória dura”; 1 informante respondeu “Falta de raciocínio”, 1 respondeu “Burro”, 1 respondeu “Rude”, 1 respondeu “Déficit”. Para a lexia mais recorrente “Memória dura”, a variável idade não apresentou diferença, pois os três informantes são da segunda faixa etária, ao passo que a variável sexo, apresentou dois do sexo masculino e um do sexo feminino. Observamos que a lexia foi falada mais por homens. Nesta questão observamos que houve uma distribuição significativa, uma vez que forma seis respostas diferentes.

194. COMO VOCÊS CHAMAM PARA O MARIDO QUE A MULHER PASSA PARA TRÁS COM OUTRO HOMEM?

Na pergunta 194 obtivemos a seguinte distribuição na resposta dos informantes: 4 responderam a lexia “Corno”, o que corresponde a 50% do total; 2 responderam a lexia “Homem traído” e 2 responderam “Chifrudo”. Considerando a variável mais recorrente, no fator idade, os quatro informantes são da segunda faixa etária, 100%. Para a variável sexo, 2 são homens e dois são mulheres, 50% para cada um. Podemos perceber nessa questão que os informantes que responderam a lexia mais ocorrente, são mais velhos. Nesta pergunta os informantes deram em sua maioria a resposta prevista pelo questionário para a pergunta.

195. A MULHER QUE SE VENDE PARA QUALQUER HOMEM?

Na pergunta 195 a lexia que mais informantes responderam foi “Prostituta”, 3 ao todo, o que equivale a 37,5%; 1 informante respondeu a lexia “Vagabunda”; 1 respondeu a lexia “Sem vergonha”; 1 respondeu a lexia “Profissional do sexo”; 1 respondeu a lexia “Putá” e 1 respondeu a lexia “Mulher da vida”. Observamos que para essa pergunta tivemos um grande número de respostas. Porém a lexia “Prostituta” foi a resposta predominante. Considerando a variável sexo para esta lexia, temos dois informantes homens e um informante mulher, ambos da segunda faixa etária. Nesta pergunta a resposta dos informantes apresentou bastante variação, seis lexias diferentes. Porém a lexia “Prostituta” predominou sendo mais vezes repetida.

200. O QUE ALGUMAS PESSOAS DIZEM JÁ TER VISTO À NOITE, EM CEMITÉRIOS OU CASAS MAL ASSOMBRADAS, QUE SE DIZ QUE É DO OUTRO MUNDO?

Na pergunta 200 apresentamos a seguinte distribuição das respostas dos informantes: 4 informantes responderam a lexia “Visagem”; 2 informantes respondeu a lexia “Mesura”; 1 informante respondeu a lexia “Assombração”; 1 informante respondeu a lexia “Vulto”. Para a lexia mais recorrente, temos para a variável idade, 2 informantes da segunda faixa etária e 2 informantes da primeira. Para a variável sexo, 2 informantes são do sexo masculino e 2 do sexo feminino. Na análise, percebemos que a maioria dos informantes que respondeu a lexia “visagem” é da segunda faixa etária.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, percorremos várias localidades da Ilha das Onças no intuito de conhecer a diversidade linguística sobretudo a cultura desse lugar. Para tanto, precisamos conhecer e entrevistar alguns moradores da localidade, buscamos compreender como se dar essa variação na fala dos moradores da Ilha das Onças, por meio do léxico.

Na perspectiva de conhecermos a herança cultural da Ilha das Onças, e seu dialeto o qual é entendida como variação lexical a forma de expressão dos falantes. Esperamos com esta pesquisa, contribuir para que possamos compreender a variação da língua e a importância da linguagem para o processo de formação do indivíduo e, partindo dessa premissa, possamos respeitar e valorizar o modo como cada falante faz uso da sua língua, suas particularidades e distinção da fala que fazem da língua seu principal objeto de transformação e poder da sociedade.

Dessa forma, concordamos com os autores, quando afirmam que a variação na fala de um determinado povo se constitui como uns dos seus bens preciosíssimos, e através dela se constituem caminhos que transformam a sociedade. Portanto, o estudo e análise da variação lexical na fala dos moradores da Ilha das Onças se fez necessário para que possamos compreender e compreender de que forma a variação da língua de um povo pode influenciar no seu modo de vida.

Atualmente há muitas discussões a respeito da variação linguística. Sabemos que a variação lexical apresenta uma relação cultural oriundo de outras culturas e raças, nesse sentido, a variação linguística na fala dos moradores da Ilha das Onças é um fator que enriquece e fortalece a cultura e o modo de viver de cada habitante.

De acordo com o meio em que o indivíduo vive, sua linguagem é aperfeiçoada, transformada e transmitida. Para a sociedade, a transmissão da cultura por meio da linguagem

é de grande importância, pois ela é transmitida de uma geração a outra, dependendo do local de origem e de acordo com o ambiente em que vive.

Percebemos que a diferença na linguagem de um povo, não se limita ao visível humano, pois estas são formadas pela união de diversas culturas e raças. Desse modo, a língua tem diversas formas de expressão, fazendo da linguagem uma entidade dinâmica que está relacionada à identidade de um povo e suas atividades culturais, sendo essencial na integração e no desenvolvimento do indivíduo.

Nos nossos dados percebemos que há uma diversidade linguística muito extensa na fala dos moradores da Ilha das Onças, visto que foram muitas variáveis para o mesmo contexto ou resposta de uma mesma pergunta, variações estas que acontecem de forma democrática, em um contexto simples o que enriqueceu a pesquisa, dando subsídio à análise dos dados e suporte para registro e reconstrução do histórico cultural deste lugar, a saber que a variação da linguagem é oriundo de outras culturas, abrindo assim um leque para reconstrução de novos saberes na fala do indivíduo. A variedade linguística como um objeto de estudos e análise da fala, mostrará a diversidade na linguagem do lugar, trazendo assim um riquíssimo conhecimento da língua para futuras gerações.

Esperamos que este trabalho sirva para registrar e conhecer as variações linguísticas da comunidade da Ilha das Onças, bem como resgatar a cultura dessa localidade e suas variações e com isso, reconhecer o perfil sociolinguístico da cultural da “Ilha” e sua identidade. Pretendemos mostrar com a pesquisa os resultados sobre essa variação na linguagem e sua peculiaridade, e como essa variação acontece de forma não discriminada, sobre tudo a diversidade cultural.

Os dados coletados servirão como suporte de base para estudos, subsídio no campo do conhecimento na linguagem e pesquisa para pessoas oriundas de outras localidades como estudantes, educadores e pesquisadores interessados em conhecer e como se dar a variação linguística deste lugar.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Preconceito Linguístico**, FRAGMENTO, Edição/Reimpressão 2010, Páginas: 392. Editor: Porto Editora, Idioma Português. www.wook.pt. Acesso em: 21/03/2014

_____. **Nada na Língua é por acaso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: <http://sticbh.org.br/escolapopular/?p=553>. Acesso em: 05/03/2014

CAPOVILLA, Fernando. **Comunicação pessoal**, em 08/06/2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Caderno de estudo linguístico**, nº 1, 1978, p. 13-20.

CUNHA, Celso. **Língua Portuguesa**. Cidade: Editora Moderna, 1992.

IBGE (2010). Título. Disponível em: <http://wikimapia.org/#.lang=pt&lat=1.419838&log=48>. Acesso em:

MONTEIRO, Benedito. (2001. p. 226) da Revista O Pará após 1964, Fascículo 11.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 4 ed. Ver. E modificada, com a reelaboração de vários capítulos. São Paulo: Nacional, 2002.

REIS, Marcos. (1910, p. 84). **Cabanos** - A história\Marcos Reis - São Paulo: Maguen.

REVISTA TERRA DA GENTE. Disponível em: <http://582916&=11&m=b&show=/21177038/pt/santana-do-aurá> Ministério do Desenvolvimento Agrário/Incra>. Revista 10. Outubro, 2007.

SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

Wikipédia/A enciclopédia livre. Disponível em :<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barcarena>.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

2. CORREGO/RIO PEQUENO/FURO/IGARAPÉ OU BRAÇO DE RIO

... um rio pequeno de uns dois metros de largura?

9. REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?

15. ONDA DE RIO/ ONDA OU BANZEIRO

... o movimento da água do rio (imitar o balanço das águas)?

17. TERRA UMUDECIDA PELA CHUVA/ MOLHADA

Quando chove, como é que a terra fica? Como a gente chama aquela terra depois que chove?

23. TEMPESTADE/ VENTO/ VENTANIA/ FURACÃO

E quando vem aquela chuva muito forte com vento que às vezes até derruba árvore?

29. CHUVA MIÚDA E DEMORADA/ CORISCO/ CHUVISCO

... uma chuva que é bem fininha e demora a passar?

33. ORVALHO/ SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

34. NEVOEIRO/ CERRAÇÃO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

47. ESTRELA MATUTINA/ DALVA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

62. BAGAÇO

O que tem dentro da laranja que a gente joga fora?

83. MANDIOCA/ AIPIM/ MACAXEIRA

... aquela raiz grossa, branca por dentro, coberta por uma casquinha marrom, que a gente cozinha para comer?

98. PICADA

Quando é que se abre com machado, facão ou foice para passar por um mato fechado?

102. ARAPUCA/ ALÇAPÃO

E a armadilha para pegar passarinho, com que eles pegam passarinho lá no mato?

115. PERNILONGO/ CARAPANÃ/ MURIÇOCA

... aquele bichinho que canta no ouvido da gente, quando a gente tá dormindo? *Imitar o zumbido*

123. GALINHA D'ANGOLA/ PICOTA

... ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

160. CEGO DE UM OLHO/ ZAROLHO/ CEGUETA

... a pessoa que tem um só olho?

164. CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em gente velha?

176. PESSOA POUCO INTELIGENTE/ BURRO

... a pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas?

177. PESSOA SOVINA/ MÃO DE VACA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

194. MARIDO ENGANADO/ CORNO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

195. PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

196. DEFUNTO/ MORTO/ FINADO

... como é que a gente se refere a pessoa que já morreu? Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente a gente não a trata pelo nome que tinha em vida. Como a gente se refere a ela?

199. DIABO/ DEMÔNIO/ CAPETA

Deus está no céu e no inferno está ...

200. FANTASMA/ ALMA DO OUTRO MUNDO

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou casas mal assombradas, que se diz que é do outro mundo?

208. ESTILINGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinhos?

210. BALÃO

... o brinquedo de papel que se empina no vento por meio de uma linha, em varetas?

226. GRADE

Com que se protege a janela por fora?

236. TOCO DE CIGARRO/ BAGANA

... o resto do cigarro que se joga fora?

238. BODEGA/ BAR/ BOTEQUIM

Aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Lá também se pode comprar alguma outra coisa)

250. SUTIÃ/ CORPETE

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?



Transporte utilizado na Ilha das Onças



Ouro Preto (Açaí), maior fonte de renda dos moradores da Ilha das Onças



Coleta do Açaí na Ilha das Onças



Imagem Panorâmica da Ilha das Onças



Rio Piramanha – Ilha das Onças



Informante (Morador da Ilha das Onças)



formante (Moradora da Ilha das Onças)



magem Panorâmica da Cidade de Barcarena



Complexo Alunorte



Rio que liga Barcarena à Ilha das Onças